
Constelação Acústica como Proposta Metodológica para Escutas Comunicacionais¹

Antônio LIRA²
Thiago SOARES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A proposta é trazer à tona uma série de “problemas da escuta” na música pop realizando uma inclinação metodológica em torno da ideia de Constelação Acústica. Desnaturaliza-se a noção de consumo musical e se inserem questões em torno da escuta como centrais para o adensamento do debate sobre música, cultura e formações de sensibilidades e identidades. A Constelação Acústica seria um conjunto de canções que, escutadas em formato de *playlist*, apontaria para clivagens em torno das relações sônico-musicais, temáticas e estéticas na Comunicação. Ensaia-se debater a noção de “pernambucanidade” na Constelação Acústica intitulada “Leão do Norte”.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta; metodologias acústicas; Constelação; música pop; identidade.

Introdução

O presente resumo propõe pensar a ideia de Constelação Acústica, a partir da atividade de pesquisa desenvolvida no Grupo de Pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (Grupop), no primeiro semestre de 2024, como uma metodologia que valoriza a dimensão da escuta e das relações sônico-musicais em álbuns fonográficos e canções populares. A perspectiva realça uma inquietação do grupo de pesquisa de que é bastante consolidado o argumento de que os estudos sobre música pop são “visual-cêntricos”, amplamente ancorados numa dinâmica visual que privilegiaria enquadramentos analíticos em torno de capas de álbuns, iconografias e fotografias de artistas musicais e videoclipes.

Um dos primeiros autores a diagnosticarem a centralidade de uma cultura visual na pesquisa sobre música pop, Andrew Goodwin (1992) chamou atenção para uma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Bolsista CAPES, email: antonio.plira@ufpe.br.

³ Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) onde coordena o Grupo de pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (Grupop), e-mail: thiago.soares@ufpe.br.

espécie de comunidade acadêmica “surda”, incapaz de adotar a perspectiva da escuta como ponto central de análise de produtos da música pop. A crítica contundente de Goodwin, entretanto, surtiu pouco efeito, possivelmente, em função da própria natureza do campo de estudos da música pop, que, na Academia anglófona derivou substancialmente dos centros de pesquisa cuja ênfase teórica advinda de linhagens oriundas dos Estudos Culturais e, portanto, de abordagens sócio-políticas dos fenômenos musicais.

Se tomarmos *Performing Rites*, de Simon Frith (1996) como o mais emblemático estudo sobre música pop neste contexto, o que se tem como hermenêutica no trabalho é fundamentalmente um estudo sociológico sobre gêneros musicais, consumo, mediações e construção de valores na indústria musical. Grande parte dos argumentos empunhados por Simon Frith para tratar de valor na música pop, advém do confronto de questões levantadas pela crítica musical em confronto com sua vivência como fã ou apreciador de música. Se a mirada histórica permite compreender as epistemologias que conformaram a ausência da escuta nas pesquisas acadêmicas sobre música pop, observar como a noção de consumo musical parece pressupor a escuta soa fundamental. Neste sentido, um dos mais importantes estudos sobre música popular anglófona, *Studying Popular Music*, de autoria de Richard Middleton (1990) debate questões sobre análise de música popular que versam sobre tematizações, sistemas produtivos e formações identitárias, de forma que a escuta parece “embutida” no consumo musical, mas não debatida em suas especificidades. Os argumentos de Middleton se conectam com o de David Brackett (2016), a partir de uma espécie de pressuposição da escuta como dispositivo de consumo musical. No contexto brasileiro, a problemática do consumo de música também seguiu operando sob os pressupostos de relações interacionais e simbólicas com a música (CASTRO, 2005), numa linhagem também sócio-antropológica que reitera as abordagens culturológicas.

É na tentativa de trazer à tona uma série de “problemas da escuta” na música pop que esta proposta se organiza, propondo uma inclinação metodológica em torno da ideia de Constelação Acústica. A ideia é desnaturalizar a noção de consumo musical e inserir questões em torno da escuta como centrais para o adensamento do debate sobre música, cultura e formações de sensibilidades e identidades. Aposta-se em apontamentos teóricos para uma agenda de pesquisa sobre música pop que inclua as

epistemologias aurais e suas formulações para discussões no campo dos Estudos de Performance na cultura pop. Toma-se a escuta da música pop como um ato em performance, ou seja, um gesto de conexão entre a materialidade sonora, produção musical, inscrição de formatos dentro de regimes estéticos e biográficos de artistas e também a partir dos rastros e vestígios que a escuta deixa em ambientes comunicacionais. Debater a escuta como uma performance implica em revisar parte dos estudos sobre escuta na Comunicação e encontrar zonas friccionais a partir de suas valências no campo da música pop.

Proposta metodológica

Partimos da metodologia proposta por Mariana Souto (2020), que propõe a ideia de Constelação Fílmica, para pensar e “adensar os estudos comparativos no cinema”. No entanto, assim como existem diferenças entre a imagem e o som, há também diferenças na maneira de pensar associações entre filmes e entre canções. Dessa forma, o exercício especulativo da proposta metodológica recorreu à ideia de de “criar *playlists*” no aplicativo Spotify, que tivessem a ver com as pesquisas dos integrantes e praticar o exercício de escutá-las em conjunto para pensar as potencialidades e limites desse método. A partir escuta, para além de questões relativas as especificidades de cada constelação/playlist, fomos percebendo as arestas e as aproximações entre a ideia de Constelação Acústica não só com o conceito de *playlist* (SANTOS, 2017) mas também com as ideias de escuta conexa (JANOTTI e QUEIROZ, 2021) e escuta expandida (LUCAS, 2019).

Durante nossa escuta, além de permitir que visualizássemos melhor alguns problemas sobre nossas pesquisas, fomos relatando empiricamente as nossas percepções, que ora variavam entre as especificidades de cada pesquisa, ora entre as descobertas sobre o próprio método. No caso específico da minha pesquisa, elaborei uma atividade de curadoria de canções que debatem as questões em torno da ideia de “pernambucanidade” e que tocam tematicamente e sonoramente nas intersecções entre música popular e música pop com acentos sonoros que remeteriam ao legado sônico-musical do Mangubeat. A pesquisa que desenvolvo no doutorado tenta compreender as controvérsias entre o Mangubeat, territorializado em Pernambuco, e a

Axé Music, da Bahia, inscrites temporalmente na década de 1990, porém com ecos midiáticos e na política pública de Pernambuco até o contexto contemporâneo. Intitulei a playlist/ Constelação com o nome “Leão do Norte” (Figura 1), fazendo uma referência à canção entoada por Lenine que seria um dos marcos de uma ideia de pernambucanidade que remeteria a territorialidades da cidade do Recife.



Figura 1 – Print da capa da Constelação Acústica “Leão do Norte”

Quando se cria uma *playlist* no Spotify, por exemplo, se você não determinar uma imagem de capa para ela, a própria plataforma “gera” uma capa quadrada dividida em outros quatro quadrados, que representam as capas dos álbuns das músicas selecionadas. Essa especificidade da plataforma, aliada a demanda de que escolhêssemos quatro, no máximo, cinco músicas diferentes, fizeram com que pensássemos essa mesma construção com essas quatro capas enquanto uma “constelação” em si. Uma constelação de imagens, na qual as quatro imagens das quatro capas podem ser colocadas em perspectiva e vistas todas de uma vez, enquanto escutamos cada música. Ou seja, a própria plataforma constitui uma dimensão constelacional para a playlist.

A dimensão curatorial da Constelação Acústica originava-se na perspectiva de debater a escuta de faixas musicais que evocariam uma territorialidade pernambucana, apontando para feixes sônico-musicais que se traduziriam em aspectos ligados ao

passado escravista de Pernambuco, a permanência de marcas da violência de gênero e racial, bem como o contraste com a alegria e os paradoxos do Carnaval. A Constelação abre com Leão do Norte, de Lenine e Marcos Suzano como uma espécie de aterramento sônico nas referências a cenários como o bairro de Casa Forte em sintonia com a cultura popular (o mamelungo). A escuta segue em direção a Recife Minha Cidade, canção de brega entoada por Reginaldo Rossi que coloca em evidência o aspecto bairrista, nostálgico e “os encantos mil” da capital de Pernambuco. Em seguida, começam a surgir “fissuras” da escuta: a voz lânguida de Elba Ramalho anunciam sugestões coloniais em “Ciranda da Rosa Vermelha” e o “mito da democracia racial” é sonicamente encenado na canção “Etnia”, de Chico Science & Nação Zumbi. A lógica do apoio estatal à cultura musical está presente em “Ciranda do Incentivo”, de Karina Buhr, que também, com ironia e acidez, sugere debater a ausência feminina no Mangubeat. A Constelação Acústica encerra-se com outra ciranda, dessa vez uma clássica, “Eu Sou Lia”, de Lia de Itamaracá, sugerindo a ideia de racialização da cultura musical popular de Pernambuco e a ciranda como metáfora das mãos dadas e do levante performático dos corpos a bailar (Figura 2).



Figura 2 – Canções que integram a Constelação Acústica

Resultados

É importante de pensar proximidades e diferenças entre a Constelação Fílmica e a Constelação Acústica como zonas de fricção metodológica no campo da Comunicação e dos Estudos de Som e Música. Esse trabalho também parte de um esforço, estimulado paralelamente pelas discussões que tem sido realizadas tanto no GruPop, quanto no L.A.M.A. (Laboratório de Música e Audiovisual) sobre o lugar de nossas pesquisas dentro de uma linha que pensa as Estéticas e Culturas da Imagem e Som. Ao contrário das imagens das capas, se colocássemos todas as músicas em perspectiva de uma única vez, o resultado provavelmente seria um “amontoado de barulhos”, e é importante colocar que não acho que pensar esse barulho, também, não tem sua potência enquanto experimento empírico. A nossa forma de montar e, sobretudo, de escutar a nossa Constelação, assim como a música em si, como a materialidade do som, precisam do tempo e de uma noção de sequencialidade. Escutamos as músicas uma atrás da outra.

É verdade que, durante o exercício, fizemos a escolha de escutar as músicas na ordem que cada um determinou. Mas mesmo que as ouvíssemos no modo aleatório, ou mesmo utilizando a Ordem aleatória inteligente – que sugere canções que ela entende que tenham a ver com a playlist entre as canções elencadas – o que acrescentaria outro elemento, o do algoritmo e da inteligência artificial, na caligrafia das nossas constelações. Mas, ainda assim, estaríamos ouvindo as músicas em sequência. Quando pausamos um filme, o som desaparece, o que fica é a imagem. A imagem das quatro capas pode aparecer estática, presa a um único momento, mas a música, o som, precisam do tempo para se mostrarem por completo.

REFERÊNCIAS

BRACKETT, David. **Categorizing sound: Genre and twentieth-century popular music**. Univ of California Press, 2016.

CASTRO, Gisela. **Para pensar o consumo da música digital**. Revista Famecos, v. 12, n. 28, p. 30-36, 2005.

FRITH, Simon. **Performing rites: On the value of popular music**. Harvard University Press, 1996.

GOODWIN, Andrew. **Dancing in the distraction factory: Music television and popular culture**. University of Minnesota Press, 1992.

JANOTTI, Jader Silveira; QUEIROZ, Tobias Arruda. Deixa a gira girar: as lives de Teresa Cristina em tempos de escuta conexa. **Galáxia (São Paulo)**, p. E50973, 2021.

LUCAS, Cássio de Borba. **Escutas expandidas e a produção comunicacional de escutas musicais**. Tese de Doutorado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/249735>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

MIDDLETON, Richard. **Studying popular music**. McGraw-Hill Education (UK), 1990.